



## A função social de projetos de pesquisa universitária na formação do educador popular

Alessandra Fonseca Farias<sup>1</sup>

Maria Peregrina de Fatima Rotta Furlanetti<sup>2</sup>

### Resumo

Diante do desafio da formação do educador popular entendemos que os projetos de pesquisa e extensão contribuem significativamente para os estudantes do curso de Pedagogia em sua formação. Este nosso projeto envolveu quinze estudantes do curso de Pedagogia com bolsa, um mestrando e uma doutoranda em Geografia que desenvolveram seus estudos e sua formação acadêmica e de demais educadores durante o desenvolvimento da pesquisa em Educação de Jovens e Adultos - EJA. Iniciamos uma pesquisa de iniciação científica em 2009 que se estendeu até 2012, e que contou com a parceria da Secretaria de Assistência Social (SAS) e da Secretaria de Municipal de Educação (SEDUC). Tal pesquisa contribuiu para a discussão das atuais políticas públicas de EJA da cidade, para a construção de um projeto envolvendo EJA e economia solidária que foi implantado em maio de 2012 nos bairros com maior número de pessoas de baixa escolaridade da cidade e, automaticamente, a Universidade cumpria seu papel social diante dos problemas que foram sendo debatidos coletivamente com todos os envolvidos. Durante o processo, foi possível aprofundar as discussões e reflexões acerca da trajetória do não sucesso escolar dos sujeitos da EJA. Este projeto foi possível graças ao convênio da PROGRAD - Pró-Reitoria de Graduação da UNESP e a CAPES - Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior com a qual conseguimos 15 bolsas para estudantes de graduação através do PIBID - Programa Institucional de Bolsas para a Iniciação à Docência.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos - EJA; Políticas Públicas de EJA; Sujeitos da EJA.

<sup>1</sup> Pedagoga. Mestranda em Educação na UNESP/FCT de Presidente Prudente – SP. E-mail: pedagoga\_ale@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente vinculada ao Departamento de Educação da UNESP/FCT de Presidente Prudente – SP. E-mail: fatimarotta@hotmail.com



## Resumen

Ante el reto de la formación del educador popular de comprendemos que los proyectos de investigación y extensión contribuyen de manera significativa a los estudiantes de Pedagogía en su formación. Este nuestro proyecto consistió en quince estudiantes de Pedagogía con becas educativas, un estudiante de maestría y una estudiante de doctorado en Geografía y otros educadores que han desarrollado esta investigación en Educación de Jóvenes y Adultos - EJA. Empezamos una investigación iniciación científica en 2009 que duró hasta 2012 , y que tenía vinculo con la Secretaría de Asistencia Social (SAS) y con la Secretaría Municipal de Educación (SEDUC). Esta investigación contribuyó con la discusión de las políticas públicas actuales de EJA de esta ciudad, para la construcción de un proyecto involucrando EJA y economía solidaria que empezó en mayo de 2012 en barrios con altos numerosos de personas sin escolaridad de la ciudad, y por ello la Universidad cumplió automáticamente su función social ante los problemas discutidos en conjunto con todos los involucrados. Durante el proceso, fue posible profundizar los debates y reflexiones sobre el camino contrario al éxito escolar de los sujetos de la educación de adultos. Este proyecto fue posible gracias al acuerdo de PROGRAD – ProRectora de Grado de UNESP, y de CAPES - Coordinación de Perfeccionamiento de Nivel Superior con la que consiguió 15 becas para estudiantes de grado a través de PIBID - Programa de Becas para la Introducción a la Enseñanza.

**Palabras-clave:** Educación de Jóvenes y Adultos - EJA; Políticas Públicas de EJA; Sujetos de la EJA.

## Introdução

O público da Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui-se basicamente de pessoas jovens e adultas às quais foi negado o direito à educação na infância, seja pela falta de vagas ou pelas condições sócio-econômicas desfavoráveis a que vivem submetidas, pessoas que predominantemente vivem em áreas que sofrem o processo de exclusão social.



Trata-se de pessoas que de uma forma ou de outra são marcadas pela exclusão e para as quais a EJA se constitui no resgate de uma dívida social e na busca pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária, como aponta Furlanetti (2001). Compreendemos a importância da elevação da escolaridade e alfabetização de milhares de brasileiros, no entanto, entendemos também que essa ação não pode acontecer de forma aligeirada, sem considerar as especificidades e os diferentes tempos de aprendizagem dos sujeitos jovens e adultos. É necessário e urgente que a educação de jovens e adultos seja instituída como política de estado em todo Brasil, como meio de qualificar a oferta de EJA e garantir a continuidade de estudos a todas as pessoas que assim o desejarem.

Em 2009 iniciamos uma investigação dentro da Pesquisa “A Formação do Educador Popular” da orientadora e docente Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti, com o principal objetivo de identificar dentre os dados do Programa Nacional “Bolsa Família” as zonas de concentração da população com baixa escolaridade da cidade. A priori trabalhamos com dados referentes ao sexo, idade, nível de escolaridade e endereço dos sujeitos analfabetos e de escolaridade até 4ª série beneficiários do Programa Nacional Bolsa Família<sup>3</sup>. Após três anos pesquisando os sujeitos da EJA na cidade, chegamos à conclusão de que em Presidente Prudente-SP existem bolsões de analfabetismo, sendo que estes não se concentram em toda a periferia, mas sim em alguns bairros periféricos, que por sua vez, tem alto nível de pobreza e, conseqüentemente, baixo nível de escolarização.

Esse panorama serviu de base para a elaboração de um Projeto em parceria com a SEDUC - Secretaria de Educação de Presidente Prudente, no qual se buscou construir um currículo alternativo incluindo a Economia Solidária na EJA. A relação entre EJA e Economia Solidária surgiu a partir do trabalho com o PEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos) da UNESP e pesquisas desde 2001 no GEPEP (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Popular). Estas pesquisas apontaram para um currículo onde se poderia construir debates e discussões sobre o

---

<sup>3</sup> De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social, o Bolsa Família é um programa federal de transferência direta de renda, que beneficia mais de 12 milhões de famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza. Este Programa integra o Fome Zero que tem como objetivo assegurar o direito humano à alimentação adequada, promovendo a segurança alimentar e nutricional e contribuindo para a conquista da cidadania pela população mais vulnerável à fome e à pobreza.



mundo do trabalho, já que, em sua maioria, os/as educandos/as de EJA são da classe trabalhadora, seja ela do campo ou da cidade, apesar de toda diversidade que possam apresentar existe algo que os une: o TRABALHO.

Assim, este projeto foi intitulado “Construindo um Currículo Alternativo nas Salas de Educação para Pessoas Jovens e Adultas em Presidente Prudente – SP” e começou a ser desenvolvido em 2012 com abertura de quatro salas de EJA nos bairros com maior número de pessoas de baixa escolaridade e que não eram oferecidas salas de educação de Jovens e Adultos para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental<sup>4</sup>. Outro Projeto considerado um avanço para os estudos relativos à EJA que está sendo desenvolvido em convênio com Universidade – UNESP/PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior, é o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), financiando bolsas e recursos para que os estudantes de graduação tenham a oportunidade de vivenciar as salas de aula em seu cotidiano.

Desta forma quinze graduandos do curso de pedagogia começaram a fazer estágio de docência nas salas abertas de EJA. Esse foi o elo perfeito no desenvolvimento do Projeto, pois ao estabelecer a parceria entre UNESP e SEDUC os estudantes de Pedagogia tiveram a oportunidade de colaborar desde a elaboração do projeto até a execução. Outra conquista foi a contratação de professores/as para as salas abertas estabelecendo a institucionalização da EJA nestas comunidades.

Vários encontros para discussões da abertura de salas de EJA foram realizados com a SEDUC: primeiramente com a Secretária de Educação e seus assessores, depois com os/as gestores/as destas escolas, onde foi colocada a necessidade de abertura de matrículas e posteriormente um edital especial para a contratação de professoras, pois o ano letivo já havia iniciado. Desta forma várias instâncias da Secretaria foram ativadas: supervisores, a sessão jurídica, e a re-abertura de matrículas no GDAE - Gestão Dinâmica de Administração Escolar, órgão

---

<sup>4</sup> A pesquisa inicial de iniciação científica desenvolvida em 2009/2010 identificou no mapa da cidade as zonas em que mais se concentravam a população analfabeta. Dentre elas, identificamos oito bairros com mais de trinta sujeitos, onde seria possível montar salas de aula para suprir parte da demanda. Assim, nos quatro bairros com maior número sujeitos foram abertas salas de EJA nas escolas municipais no período noturno, em parceria com a SEDUC.



da Secretaria de Estado da Educação-SP que visa a integração das informações das unidades escolares com órgãos regionais e centrais.

### **Os sujeitos da EJA: Educandos, educadores e gestores e a formação dos educadores popular**

O/A Educando/a

Por ser a educação popular comprometida com a realidade dos/as educandos/as, pensamos numa EJA que inclua a todos nas suas especificidades sem, contudo, comprometer a coesão nacional, e tampouco o direito garantido pela Constituição de ser diferente. Compreender a diversidade e respeitá-la dentro dessa modalidade de ensino implica em pensar a Educação para além do ambiente físico da escola. Implica, pois, em apreender aula a aula, a luta que essa população desenvolve em seu cotidiano para garantirem seu direito educacional, os embates e as dificuldades que ainda estão presentes nesse caminho e as potencialidades que o trabalho docente pode desempenhar numa empreitada coletiva e junta com esses sujeitos.

Quando falamos de educação destinada a pessoas jovens e adultas, temos que tomar o cuidado de não generalizar esse público apenas como "não crianças", e sim reconhecer os sujeitos situados no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea que não puderam seguir o caminho da escolaridade regular, conforme aponta Oliveira (2006), o tema "educação de pessoas jovens e adultas' não nos remete apenas a uma questão de especificidade etária, mas, primordialmente, a uma questão de especificidade cultural".

Pode-se dizer que um dos maiores problemas da EJA é essa questão da especificidade cultural, pois o sujeito não é considerado enquanto pertencente a certa cultura, a determinado local, a tal classe social, enquanto cidadão. É preciso historicizar o objeto de reflexão para não cometer o equívoco de apontar a todos os adultos e adultas sem escolarização como personagens abstratos. E sendo o analfabetismo<sup>5</sup> um problema que abrange todo o território nacional, se torna

---

<sup>5</sup> Embora o percentual de analfabetos com 15 anos ou mais de idade tenha diminuído de 13,3%, em 1999, para 9,7% em 2009, este índice representa um total considerável de 14,1 milhões de pessoas, das quais, segundo o IBGE, 42,6%



inimaginável a diversidade que compõe estes sujeitos, de forma que aqui temos uma segunda negação: ao retornar à escola, que por si só já é um trajeto difícil de ser trilhado, o sujeito da EPJA tem seu primeiro direito afirmado ao mesmo tempo em que lhe é negada uma educação que contemple suas especificidades etárias, culturais, étnicas, de gênero, trabalhistas, religiosas, de deficiência, enfim, sua identidade.

É pensando na diversidade destes sujeitos que problematizamos a formação do educador que vai para a sala da EJA, isto porque acreditamos em alguns princípios que fazem do educador um educador popular. Para bem definir a Educação Popular de que falamos, recorreremos à fala de Paulo Freire, patrono da educação brasileira:

O conceito de Educação de Adultos vai se movendo na direção do de educação popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras. Uma destas exigências tem que ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade. O que acontece, no meio popular, nas periferias das cidades, nos campos – trabalhadores urbanos e rurais reunindo-se para rezar ou para discutir seus direitos -, nada pode escapar à curiosidade arguta dos educadores envolvidos na prática da Educação Popular. (FREIRE, 2001, p. 16)

Assim, afirmam-se as bases da educação popular, bases sólidas construídas coletivamente entre os sujeitos que a compõe, com a comunidade, com a luta diária destas pessoas, seja esta luta pela falta do que comer, ou do que vestir, ou do direito à escola e saúde de qualidade, trabalho, ou a soma delas.

O/A Educador/a

Diante da discussão sobre a diversidade na EJA, se faz necessário pensar qual é a formação do/a educador/a que atuará dentro desse contexto de exclusão e desatenção histórica à educação de adultos no Brasil. Muitos dos sujeitos da EJA têm história de fracasso, de não aprendizados, de

---

estão na faixa de 60 anos ou mais, 52,2% residem no Nordeste e 16,4% vivem com ½ salário mínimo de renda familiar *per capita* (IBGE, 2010).



frustrações com o meio escolar, e por isso não é possível repetir modelos e manter abordagens e métodos infantilizados na EJA, que não valorizam o conhecimento dos/as educandos/as, sua trajetória de vida, sua identidade e sua psicologia de aprendizagem que é específica, segundo apontam as pesquisas de Oliveira (1999).

Problematizar a formação do educador popular foi nossa meta, pois este tem a enorme responsabilidade de construir uma educação diferenciada junto aos educandos, não reproduzindo modelos que “infantilizam” a EJA, na qual o educador assume uma postura autoritária, tradicional, punitiva, sendo o dominador do saber. Estamos falando da superação da chamada educação bancária<sup>6</sup> de que Paulo Freire fala em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, cujo caminho ele mesmo aponta, dizendo que a educação popular deve tratar o educando enquanto sujeito cognoscente, este que se assume em busca de, e não como a pura incidência da ação do educador (FREIRE, 2005). E nesse processo de busca, há de se considerar toda a bagagem cultural e de experiências de vida dos educandos, assim como as características de seu meio, suas necessidades, suas expectativas em torno da educação e sua própria análise da realidade concreta. Nas palavras de Freire: “O senso comum só se supera a partir dele e não com o desprezo arrogante dos elitistas por ele” (FREIRE, 2005, p. 16).

Promover uma metodologia que leve em conta as especificidades dos educandos é um fator condicional para uma educação que vai além da aquisição de conhecimentos prontos, mas que será construída coletivamente por educador e educandos movidos pelas necessidades que a educação poderá suprir em seu cotidiano, e por outras necessidades que só serão “reveladas” através da reflexão crítica, o que só a prática da educação popular pode proporcionar a ambos os sujeitos. Os desvelamentos da realidade que são revelados na reflexão crítica, seus discursos e suas lógicas excludentes nos impulsiona, nos movem na direção da luta e do fortalecimento do senso coletivo, pois é no coletivo que as angústias e as dores da exploração são partilhadas, para poderem renascer como força, vontade e ação.

Assim, o educador é chamado a participar para contribuir, estar a serviço deste que é um trabalho não somente coletivo, mas também político, que atua especificamente no domínio do

---

<sup>6</sup> Por Educação Bancária entendemos “o ato de depositar em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante” (FREIRE, 2011, p. 80).



conhecimento popular. É nesse espaço político de conscientização e reflexão que se desenvolve a educação, de fato, popular, educação que transforma ambos os sujeitos envolvidos no processo educativo – educandos/as e educadores/as.

Todavia, para acontecer a educação popular, o educador tem que se posicionar politicamente desde a escolha de suas metodologias, de sua postura em sala de aula, da sensibilidade de considerar a bagagem cultural dos educandos, de provocar na aula a prática da reflexão e, sobretudo, conhecer as políticas públicas que afirmam e garantem a EJA, de modo que este educador seja também um militante, que se conscientize a si mesmo e aos educados e lute junto a eles pela efetivação de seu direito de acesso e permanência na escola.

Se caminharmos no sentido de que se reconheçam as especificidades da educação de jovens e adultos, aí sim teremos de ter um perfil específico do educador da EJA e, conseqüentemente, uma política específica para a formação desses educadores. (ARROYO apud SOARES, 2006, pág. 21)

Assumir esse posicionamento político frente à EJA é indispensável para que a educação não se torne mais um obstáculo e algo como inalcançável na vida dos/as educandos/as. Não podemos desconsiderar todas as suas dificuldades e necessidades. Caso contrário, estaremos apenas reproduzindo um padrão histórico de exclusão educacional que encontra suas raízes em uma pedagogia elitista e burguesa, que não considera os trabalhadores de forma geral.

O debate da diversidade na EJA é fundamental e ainda merece ser levado em consideração. No entanto, defendemos que é na problematização do dimensionamento político desses sujeitos e do resgate do caráter de luta que o arcabouço da educação popular, fornece que juntos podemos ampliar nossos horizontes de análise rumo à efetiva garantia do acesso à educação perante a classe trabalhadora, em um esforço de compreender esse universo não de “cima para baixo”, mas juntos com os educandos, numa perspectiva de “baixo para cima”. Para isso, ouvir suas falas e refletir sobre seus testemunhos é fundamental, como iremos abordar brevemente no próximo item.





Os/As Gestores/as

Foram seis meses de encontros e desencontros até que ficou instituída a equipe com quem trabalharíamos e formaríamos um coletivo de debates e discussões de como montar as quatro salas de EJA nos bairros apontados pela nossa pesquisa, como contratar novos professores, já que estas salas não tinham sido disponibilizadas para a atribuição em novembro de 2011, conforme a legislação vigente, e por último como seria a relação destas novas salas com os diretores das escolas. O processo seletivo para a escolha das professoras participantes do Projeto foi elaborado em conjunto pela equipe gestora e pela coordenadora do grupo de pesquisa, baseado em critérios que buscassem definir um perfil adequado às necessidades do trabalho de alfabetização de pessoas jovens e adultas. Novas discussões, novas mudanças e muitas negociações devido, também, ao problema relacionado à participação nos HTPCs - Horários de Trabalho Pedagógico Coletivos. As professoras cumprem duas horas e meia semanais de HTPC em suas escolas, por continuarem trabalhando com a Educação Infantil e/ou Ensino Fundamental, e mais duas horas e meia na orientação dos trabalhos em EJA. Essa modalidade de ensino tem uma orientadora pedagógica específica para estes encontros, entretanto, as novas professoras do Projeto teriam que participar de uma HTPC com toda a equipe no ambiente universitário, entretanto foi necessário negociar junto à orientadora pedagógica esta prática, afim de que as professoras dispusessem de mais tempo para se dedicarem à elaboração dos planos de aula e estudos que esta pesquisa exige.

A montagem das salas e a relação com os diretores foi um debate travado concomitantemente, pois eram duas ações que deveriam estar diretamente ligadas com a escola. A primeira ação que foi convocar as pessoas da comunidade para se inscreverem nas escolas foi um trabalho que nossos estagiários da PIBID realizaram batendo de porta em porta preenchendo formulários e avisando da nova sala de EJA no Bairro. Com isso, ficou caracterizada a demanda. Os gestores/as das escolas iniciaram as matrículas. Porém, muitos entraves foram colocados, isto é, muitas dificuldades da escola foram sendo detectadas desde o horário instituído para as matrículas até a falta de informação dos próprios funcionários da escola.

Quanto à contratação de novos/as professores/as foi decidido não utilizar a lista de classificação de atribuição de classes da SEDUC: atribuir as novas salas de EJA do Projeto às professoras cujos nomes encontravam-se em ordem de classificação de pontuação junto à SEDUC configurou-se, no parecer do grupo de discussão, um claro equívoco. A partir desta constatação, foi decidido pela elaboração de uma portaria interna visando ao convite de professoras interessadas em participar de um processo seletivo para integrar o Projeto como carga suplementar. Há que se considerar, também, os descasos e resistências.



“Falta de tempo, muitas coisas para se fazer”; reuniões e compromissos intermináveis por parte da equipe responsável pela atribuição de aulas, esquecimentos. Neste momento, pudemos verificar a falta de compromisso com a EJA, por parte também do supervisor, ao não refletir sobre a importância do documento no momento de sua elaboração: ao redigir a nova Portaria de contratação especial, a palavra *professores*, deixava-se de lado os professores formados que se encontravam na condição de *contratados como educadores de creche*, muitos deles com excelente currículo. E isto somente foi notado quando apareceram três professoras interessadas, com perfil e currículo que atendia às exigências do processo seletivo, porém administrativamente estavam impedidas de participar, por estarem na condição de educadoras de creche.

#### **A iniciação científica na graduação e seu aspecto social**

Encontramos na pesquisa qualitativa as bases para essa pesquisa e, através da Pesquisa-ação, foi possível conhecer os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos com relação ao seu gênero, etnia, naturalidade, função social, ocupação, enfim, quanto ao seu papel frente à sociedade que camufla seu direito de cidadãos nos deveres exaustivos do cotidiano e os exclui do universo letrado e informatizado.

A pesquisa-ação deve ser essencialmente uma pesquisa intencionada à transformação participativa, em que sujeitos e pesquisadores interagem na produção de novos conhecimentos (FRANCO, 2005, p.483). Para Cunha (1995, p.39), a pesquisa qualitativa não se preocupa, apenas, com os dados evidentes, mas sim com as representações dos “sujeitos cotidianos”, ela propõe o aprofundamento na complexidade dos fatos sociais nas suas relações e interdependências, ou seja, é aquela que procura estudar os fenômenos educacionais e seus atores dentro do contexto social e histórico em que acontecem e vivem, recuperando o cotidiano como campo de expressão humana. Em todos os momentos de discussões os bolsistas estavam presentes, indagando, respondendo, tendo a sua voz sendo escutada.

#### **Considerações finais**

Em uma análise da conjuntura destes três anos de pesquisa científica, avaliamos positivamente o trabalho desenvolvido, tendo em vista o efeito qualitativo que proporcionou na vida dos educandos das salas abertas e das possibilidades para os bolsistas de novas pesquisas que estão surgindo com estes



sujeitos além de que a formação do educador popular ficou garantida, pois, no desenvolvimento desta pesquisa pudemos aprofundar as discussões e reflexões acerca da trajetória do sucesso escolar dos sujeitos da EJA, de seus anseios, necessidades e dificuldades em regressar ao espaço educativo depois de adultos, pudemos conhecer suas expectativas e sonhos de vida e a relação que esses tem com os estudos.

Conhecer, priorizar, valorizar e trabalhar com a identidade dos sujeitos da EJA é se comprometer enquanto educador popular, e ter um espaço de discussão, estudo, planejamento é fundamental para estudantes do curso de Pedagogia, educadores, monitores, supervisores e orientadores em EJA. Nós do GEPEP encontramos na reunião pedagógica semanal esta oportunidade de estudar as especificidades da EJA e de cada sala de aula em que atuamos, onde todos os sujeitos têm a oportunidade de propor, dialogar, compartilhar experiências, reconhecer necessidades formativas e buscá-las em grupo, e assim construindo-se educadores/as populares na práxis com as vozes dos/as educandos/as.

## Referências

ARROYO, Miguel González. Educação como Exercício de Diversidade. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. UNESCO, MEC, ANPED 2007, p. 19-50.

CUNHA, Maria Isabel da. A **Pesquisa Qualitativa e a Didática**. In: OLIVEIRA M.R.N.S. (org.), *Didática: Ruptura, Compromisso e Pesquisa*. São Paulo, Papirus Editora, 1995.

FRANCO, Maria Amélia S. **Pedagogia da Pesquisa-ação**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34a.Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FURLANETTI, Maria P. F. R. **Formação de Professores Alfabetizadores de adulto: o Educador Popular**. Tese de Doutorado. UNESP. Marília, 2001.



IBGE, 2010. **Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, dados referentes ao território nacional, fornecidos em meio eletrônico. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1717&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1717&id_pagina=1)>. Acesso em: 23 fev 2012.

OLIVEIRA, Marta K. Educação como Exercício de Diversidade. **Jovens e Adultos como Sujeitos de Conhecimento e Aprendizagem**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED 2007, p. 61-83.